

Companhia de Cavalaria 704

Fonte: Jornal do Exército n.º 91, páginas 8 e 9, de Julho de 1967

Companhia de Cavalaria 704

Batalhão de Cavalaria 705

«CAVALEIROS MARINHOS» - «SUAVITOR IN MODO FORTIFER IN RÉ»



Integrada no Batalhão de Cavalaria 705 do Regimento de Cavalaria 7, desembarcou em Bissau a 23 de Julho de 1964, tendo-lhe sido atribuída a missão de intervenção às ordens do Comandante-Chefe.

Em Agosto apresentou-se no Sector de BULA, onde realizou uma dura acção de nomadização na região de TILIGI, tendo então parte da Unidade recebido o seu «baptismo de fogo» durante uma emboscada montada a uma lancha da Marinha, em que era transportada.

Em NAGA, destruiu o primeiro «quartel» inimigo por acção de um golpe de mão bem preparado e no qual colaboraram efectivos da Companhia de Cavalaria 567.

Mas foi em Setembro, na região de CACINE, que a Companhia de Cavalaria 704 teve a grande oportunidade de demonstrar o seu real valor como Unidade de combate ao tomar parte na Operação «Tornado», organizada pelo Comando Naval, em que foi destruído o acampamento de um dos principais chefes terroristas, localizado nas matas de CANTAMBIZ.



Progressão ao encontro do inimigo; o esforço foi violento, mas valeu a pena mais um «quartel» inimigo localizado e destruído



Pormenor dos trabalhos de organização de um abrigo

desta Unidade se haviam prestigiado pelo seu esforço e comportamento, e eram de todos conhecidos pelos CAVALEIROS MARINHOS, devido à série de operações anfíbias em que tinham participado. Tratava-se de desmantelar a «base» inimiga de MORES, considerada lugar sagrado e inexpugnável.

A operação, designada BASE, teve a participação do seu Batalhão, no qual seguiu integrada, e dos «Águias Negras». Tem aí o seu primeiro ferido grave e a consagração do seu já alcançado prestígio.

Companhia de Cavalaria 704

Segue-se uma série de novas intervenções, entre as quais se recordam RESCALDO, CONFIANÇA, NOTÁVEL, CARACOL e DESCONFIANÇA, nas quais os seus bravos componentes voltam a dar provas de extraordinária valentia, por todos reconhecida. Sofre mais algumas baixas, em tributo da sua glória e confirmando a dureza das acções em que toma parte.

Em Dezembro vai actuar no Sector de BUBA, onde, no decorrer tia Operação ESPORA, destrói mais um «quartel» inimigo, o que lhe valeu ser distinguida com referências altamente elogiosas pelo Comandante daquele Sector.



A inauguração de um «refeitório» foi pretexto para uma pequena festa de confraternização em que participaram as autoridades e comerciantes da região



Últimas instruções ao Comandante numa Patrulha que vai partir para mais uma missão

Já em 1966, aquartelada em Bolama com a missão de intervenções a Sul, é transportada por via aérea para N. E. com a incumbência de actuar numa acção por surpresa na região de GABU, onde volta a ter acção de reconhecido relevo.

Em Março instala-se na PACMANA, com a missão de evitar tentativas de infiltração e alastramento de acções terroristas vindas do Senegal em direcção à região dos Fulas. De tal foram a Companhia de Cavalaria 704 se adaptou à região e se compenetrrou da responsabilidade da sua nova missão que não só susteve os intentos do inimigo, após mais uma série de violentos combates, como conseguiu captar a total confiança das populações, levando-as a colaborar abertamente com as nossas tropas, sujeitando-se a todos os riscos.

MADINA, BELI, COPA, BOGOMUDA, são depois outras tantas acções escritas com HONRA E GLÓRIA nas bolanhas e matos da Guiné, pela Companhia de Cavalaria 704, que regressou à Metrópole em Maio de 1966, consciente e orgulhosa pelo seu comportamento, que por muito valoroso contribuiu para manter o prestígio da Arma da Cavalaria e do Exército, naquele pedaço de terra portuguesa. O seu elevado espírito morai e valor no combate pode apreciar-se numa descrição simples mas elucidativa do decorrer duma das suas acções, escrita pelo Comandante da Companhia para a «Revista de Cavalaria», sob o título «O Soldado Português» e da qual fazemos transcrição de parte do texto:

«A lancha navega tranquilamente. As margens do rio com as suas verdes e cerradas matas começam a despertar. A noite morreu. Eis que vai nascer um novo dia. Vai ser um dia diferente, peio menos para aquele punhado de homens que segue na lancha. Os seus rostos perderam a jovialidade. Caras crispadas, nervos tensos, armas bem seguras, um cigarro ardendo. Eles esperam. A angústia da ansiedade aumenta a cada momento.

«Que bom seria se isto fosse apenas um exercício».

Companhia de Cavalaria 704



**Elementos da 704 colaborando nos trabalhos da defesa civil
duma fazenda**

«A malta chega aqui e volta para trás».

«Quais para trás! Para a frente é que é o caminho».

«Isto até parece um filme!».

«Os sacristas dos «turras» devem estar à nossa espera».

«Deixa que a malta dá-lhes o arroz!»

«Olha, olha, o «maçarico a falar!»

«Pouco barulho!»

As conversas morrem. Agora é pior. Cada um tem que se haver consigo mesmo e com os seus problemas. Começam as revistas

da última hora:

- «Rádios prontos»

«Armas carregadas?»



**Operação «Tornado» uma das muitas acções em que a
C. Cav. 704 revelou toda a sua resistência
e valor combativo**

«Quem sai em primeiro lugar?»

«Para que lado vai a sua secção?».

O motor parou. A Aviação deve estar a chegar. Rodando lentamente ao sabor da corrente, a lancha vai mostrando aos olhos inquietos de cada um a paisagem.

Lá está ele. Aquele maldito trilho. Aos lados o tarrafo. No fim, a mata que guarda maldosamente no seu ventre o mistério e o perigo.

«Já estarão lá 'eles'?»



**Na Guiné, elementos da C. Cav. 704 cumprem mais uma missão
sem olhar a esforços**

Companhia de Cavalaria 704

«A Aviação não pode vir.»

«Não há tecto.»

«Ora bolas!»

«Já podíamos ter desembarcado.»

«De noite é que era.»

«Agora estamos fritos!»

«Qual quê? Cá ao 'Massas' não metem eles medo!»

«Não há pai para Companhia.»

A lancha avança segura e lentamente para a margem. Cai a prancha. Um momento de hesitação e eles aí vão! Armas ao alto, passo rápido, olho vivo e nervos tensos.

A manhã vem fresca, mas o camuflado pega-se ao corpo com o suor. As últimas orações, as últimas pragas e as últimas recordações.

Agora a acção. O silêncio apenas é quebrado pelo «tchoc-tchoc» inevitável das botas de lona no tarrafo. O pelotão da frente progride ao longo da orla esquerda da vereda, onde o tarrafo é pouco fundo. Na lancha, o resto do pessoal aguarda. A ansiedade de quem ainda não está dentro da acção atingiu o «climax». Na curva, já desapareceram os últimos homens da frente. Longos momentos de espera. Na Rádio faz-se um silêncio enervante. De repente: «Aí estão eles!». Este grito foi o começo duma enorme tensão. Ao ladrar raivoso das pistolas-metralhadoras, sobrepõe-se o rugido autoritário e cadenciado da metralhadora pesada.



Arma em riste, progredindo por entre o denso capim da Guiné, elementos da C. Cav. 704 e um Soldado das Milícias por ela formada. Mais uma missão vai ser cumprida

«O Rádio que nada diz!»

«Haverá feridos e mortos?»

«O que se passa?»

Lutando entre a segurança de estarem abrigados na lancha e a insegurança de verem os seus camaradas em perigo, os homens têm olhos cravados no chefe. Deve seguir já, arriscando-se a uma troca de tiros entre a sua tropa ou terá que aguardar ainda não sei quanto tempo, até que lhe chegue a maldita mensagem a esclarecê-lo? Entretanto, o que está a suceder aos seus homens? Aos homens por quem é responsável e de quem tem de dar contas á Nação?

Por fim, o Rádio quebrou o seu mutismo. Foram atacados quando estavam a cinquenta metros da mata. Estão detidos pela metralhadora pesada. Não há qualquer abrigo. Impossível progredir. Não há baixas.

«Vamos embora». - Que grande alívio quando se passa dos bastidores para o palco do teatro de guerra! «É preciso envolver pela direita e calar aquela metralhadora.»

Mas custa tanto! Aquele parapeitozinho que não tinha mais de um palmo de altura era um autêntico fortim e o militar agarra-se a ele como lapa à rocha.

Companhia de Cavalaria 704

«E o Dever!? Pois é! O Dever! E os vinte anos de educação sobre a Pátria, a Honra e o Dever?» «Afinal, se calhar, era disto nos falaram na Recruta!» «Os «gajos» sempre tinham razão»... «Vamos a eles!»

Mais uma brevíssima hesitação e ei-los a caminho do perigo.

«Eu vou...»

O tarrafo aí está. Ramos entrelaçados. Densos matagais e a água e o lodo a tolher os movimentos. Quer-se correr mas não se pode. A água dá pelo peito e os braços crispados procuram segurar a arma numa terrível luta por conservar o equilíbrio. O equilíbrio físico e moral, pois os projecteis vão cortando ramos e cuspindo água.

A tensão atingiu o máximo para logo em seguida desaparecer. Já nada interessa. O cantil ficou para trás. Perdeu-se o pano de tenda. E o soldado cai e levanta-se e torna a cair para de novo se levantar num esforço mais do que permite a força humana. Só uma coisa conta: o objectivo, a mata. A mata e aquela maldita metralhadora que continua a vomitar fogo.

Lado a lado, irmanados na mesma fé, no mesmo desespero, com a mesma esperança, praguejando e orando, o Oficial, o Sargento e a Praça, todos Soldados do mesmo Exército. Cidadãos da mesma Nação defendendo a sua soberania. Personalidades lutando pelo mesmo ideal, corpos vestidos com a mesma farda. Armas iguais, desejos iguais.

Finalmente, ao alcance da granada de mão. «Toma que é para o tabaco.» Filhos da mãe, hão-de ver com quem se meteram!» - A metralhadora já se calou. Por fim o assalto. Tal carga de Cavalaria na Idade Média em que o peso das armaduras só permitia o trote, aí vão eles, os briosos soldados, os soldados de Portugal. Já não têm medo. Já nem mesmo sentem raiva. Já sorriem. «Eles fogem».

Exaustos, fardas enlameadas, equipamento destroçado, armas quentes e sujas, mas olhos brilhando, cabeças erguidas, ei-los à conquista do objectivo.

E depois o sabor do triunfo, a consciência tranquila pelo dever cumprido.»

QUADRO DE HONRA

Mortos em combate	2
Feridos em combate	15

Condecorações:

Cruzes de Guerra (2 a título póstumo)	9
Prémios «Governador»	5

Obs: Outras fotos extraídas do

Jornal do Exército n.º 89, página 12, de Maio de 1967

Jornal do Exército n.º 91, página 24, de Julho de 1967